

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras da UFMG

**A VÍRGULA EM ORAÇÕES COORDENADAS UNIDAS
PELA CONJUNÇÃO *E*: perspectivas para o ensino de
Língua Portuguesa**

Fernanda Romie Maia

Fernanda Romie Maia

**A VÍRGULA EM ORAÇÕES COORDENADAS UNIDAS
PELA CONJUNÇÃO *E*: perspectivas para o ensino de
Língua Portuguesa**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gramática da Língua portuguesa: reflexão e ensino, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Mourão

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à professora Dra. Eliane Mourão, por me orientar de forma competente e dedicada, por demonstrar paciência e prontidão e por me incentivar a continuar a caminhada.

Agradeço também a todos os professores do curso que transmitiram seus conhecimentos com muita competência e amor, bem como aos meus colegas, por contribuir para as minhas reflexões e para o meu aprendizado, especialmente a Janete, pelas trocas de experiências, e a Liliane, pela presteza e solicitude.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o emprego da vírgula em orações coordenadas aditivas unidas pela conjunção *e*. Tomamos como *corpus* quatro contos de Machados de Assis e quatro artigos da revista *Veja*, identificando possíveis diferenças no modo de pontuar entre esses textos de épocas diferentes, a fim de desenvolver uma reflexão sobre ensino-aprendizagem do uso da vírgula nas aulas de Língua Portuguesa. Fizemos uma análise quantitativa e os dados coletados foram dispostos em duas tabelas. Os resultados mostraram maior incidência de emprego da vírgula entre as coordenadas envolvendo a conjunção *e* nos textos de Machado e pouca recorrência nos textos da revista *Veja*.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Presença e ausência de vírgula em orações coordenadas por meio da conjunção <i>e</i> em textos de Machado de Assis.....	18
Tabela 2 – Presença e ausência de vírgula em orações coordenadas por meio da conjunção <i>e</i> em textos da revista <i>Veja</i>	20

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 O EMPREGO DA VÍRGULA EM COORDENADAS UNIDAS POR <i>E</i>	8
1.1 Conceito de Pontuação.....	10
1.2 Problema de pesquisa.....	13
2 METODOLOGIA.....	15
3 RESULTADOS.....	18
4 CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
REFERÊNCIAS DE <i>CORPUS</i>	28

INTRODUÇÃO

A vírgula é o sinal de pontuação que mais causa confusão entre os aprendizes da Língua Portuguesa. Sempre pairam dúvidas quanto à maneira de empregá-la corretamente, seja entre os alunos de nível médio, ou, até mesmo, entre os estudantes de Letras. Percebemos, no entanto, que as gramáticas e os manuais tradicionais pouco ou nada contribuem para esclarecer às dúvidas desses aprendizes, cabendo-nos, ainda, afirmar que suas regras só levam a confundir ainda mais àqueles que os utilizam com o intuito de elucidar todas as indagações relativas ao seu correto emprego.

Evidentemente não pretendemos, neste trabalho, dar conta de analisar todos os casos e possibilidades de uso da vírgula, uma vez que se trata de um trabalho monográfico nos vemos compelidos a restringir a nossa pesquisa. Assim, buscamos compreender melhor o que de fato pode motivar o autor de um determinado texto a empregar, ou, até mesmo, omitir a vírgula antes da conjunção *e* em orações coordenadas por meio desta.

A partir dessas observações, mostraremos, por meio desta pesquisa, que as regras apresentadas pelos gramáticos são passíveis de questionamentos e confrontos. Além disso, veremos mais adiante que as gramáticas não nos esclarecem efetivamente as normas de uso que envolve o emprego da vírgula entre orações coordenadas por meio da conjunção *e*. Nessa perspectiva, ignora-se que a língua em uso sofre mudanças ao longo do tempo e essa mudança pode ocorrer também com a pontuação. O que pode ser comum em determinada época, pode se tornar obsoleto em outra.

O primeiro capítulo deste trabalho consiste em apresentar as regras de pontuação apresentadas pelas seguintes gramáticas: *Novíssima gramática da língua portuguesa* (CEGALLA, 2008), *Nova gramática do português contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 2013) e *Moderna gramática portuguesa* (BECHARA, 2009). Intentamos, pois, fazer um confronto entre esses gramáticos e procurar, caso haja, alguns pontos divergentes ou convergentes entre essas regras.

O segundo capítulo trata de mostrar alguns excertos de textos atuais, extraídos de sites, em que a vírgula em orações coordenadas por meio da conjunção *e* ora se faz presente, ora ausente e, dessa forma, tentar compreender o porquê do emprego ou da omissão desta, buscando, à medida do possível, respaldo e explicação nas gramáticas tradicionais com as quais optamos trabalhar em nossa pesquisa.

Por fim, analisaremos alguns contos de Machado de Assis e os confrontaremos com alguns artigos da revista *Veja*. A escolha destes materiais se deu por acreditarmos que ambos são boas referências em língua escrita. Não por acaso as obras do autor Machado de Assis, isto é, as citações de suas principais obras sempre servem de exemplos para as explicações contidas nas gramáticas tradicionais. Além disso, entendemos ser conveniente confrontar textos de uma época, o século XIX, com outra, o século XXI.

Finalmente, disporemos todos os dados em uma tabela e faremos algumas observações que julgarmos pertinentes a fim de elucidar ou tentar esclarecer os motivos pelos quais induzem o autor a empregar, no caso de Machado de Assis, mais frequentemente a vírgula antes do *e*. Em suma, pretendemos esclarecer que existem outras motivações, além de sintáticas, que induzem o autor a empregar a vírgula nos textos.

1 O EMPREGO DA VÍRGULA EM COORDENADAS UNIDAS POR *E*

O problema que motiva este trabalho são as condições de emprego da vírgula entre orações coordenadas por meio da conjunção *e*. Esse problema é suscitado pela verificação, em textos que se valem da norma culta, de que ora esse sinal de pontuação é omitido, ora é empregado. Consideremos, por exemplo, a passagem de texto a seguir. Trata-se de uma manchete extraída da revista *Nova escola*, periódico de grande circulação nacional. Vejamos:

1) “Você é o adulto da relação e o principal responsável por garantir um tom de civilidade à conversa”. (ANNUNCIATO, 2016, p. 46).

Ao analisarmos o excerto, constatamos que houve omissão da vírgula antes da conjunção *e*. Em contrapartida, como veremos abaixo, deparamos, neste mesmo periódico, um caso cuja vírgula se faz presente antes da conjunção aditiva. Vejamos outro recorte de um artigo deste mesmo periódico:

2) “Não é fácil cuidar de pessoas como Marcos, e isso precisa ficar bem claro”. (BEGUOCI, 2016, p. 4).

Fato é que na primeira oração a vírgula antes da conjunção *e* foi omitida; já no segundo caso, a vírgula se faz presente. Que critério é usado pelos editores da revista para usar a vírgula antes da conjunção *e* em alguns casos e em outros não?

Consideremos a ocorrência desse sinal em um outro veículo:

3) “Bombeiros retomam buscas e prefeitos fazem reunião hoje em Mariana”. (BOMBEIROS..., 2015).

Trata-se, mais uma vez, de uma manchete em que a vírgula antes do *e* foi omitida. Na oração é possível constatarmos a ocorrência de uma coordenação de orações com sujeitos distintos – “bombeiros”, como sujeito de “retomam”, e “prefeitos”, como sujeito de “fazem”. Nesse caso, as gramáticas normativas, de maneira geral, prescrevem o emprego da vírgula antes da conjunção *e*. No entanto, a referida pontuação foi omitida pelo autor.

Vejamos outros exemplos, agora retirados do livro em quadrinhos *O cortiço*, uma releitura do clássico da Literatura Brasileira escrito por Aluísio Azevedo:

4) “Com a ideia fixa de comprar um título de Barão, empertigou-se, e passou a disfarçar a inveja pelo vizinho [...]” (ROSA; JAF, 2010, p. 80).

5) “[...] ora bolas, pra que me trazem essa maluca?! Soldado, mande essa mulher pro xadrez, e os cacarecos dela ao depósito público!” (ROSA; JAF, 2010, p. 80).

Aparentemente, a vírgula antes do *e*, em ambos os casos, parece desnecessária à luz das normas de uso prescritas pelas gramáticas normativas. Todavia, é possível constatar no romance *O cortiço* em HQ uma maior recorrência do uso da vírgula antes do *e*, se o comparamos com os outros gêneros textuais aqui analisados.

Quando analisamos um trecho retirado de um livro de tirinhas de Calvin e Haroldo, os fatos são diferentes:

6) “Você provoca eles com essa corneta e eu atiro com minha pistola lança-dardos quando eles saírem!” (WATTERSON, 2010, p. 8).

Percebemos que, embora essa frase seja formada por uma coordenação de orações com sujeitos diferentes – “você”, como sujeito de “provoca”, e “eu”, como sujeito de “atiro” –, a vírgula antes da conjunção *e* foi omitida. Como já foi salientado, a vírgula antes de *e*, de acordo com o que as gramáticas normativas de maneira geral prescrevem, deve ser empregada antes da referida conjunção quando ela coordena orações com sujeitos diferentes. Por se tratar do gênero tirinha, é possível que o autor opte por não utilizar a vírgula? Em outras palavras, deve-se levar em conta o gênero do texto e o tipo de público-leitor que o autor pretende atingir?

Os exemplos a que recorremos nos levam a considerar que o leitor comum terá dificuldade para chegar a uma conclusão acerca da regra que diz respeito ao uso da vírgula entre orações coordenadas por meio da conjunção *e*. De fato, quando empregar a vírgula? Existe um padrão a ser adotado? E, caso haja, em que situação se pode fugir desse padrão? Que motivo leva o autor de um texto a omitir ou não a vírgula antes de *e*? O gênero textual é fator preponderante para se optar por empregar ou não a vírgula antes dessa conjunção?

Devemos considerar ainda que o professor de Língua Portuguesa, que utiliza o texto como ferramenta de ensino, está sujeito a questionamentos advindos de seus alunos acerca desse imbróglio. O aluno, atento em sua leitura, pode deparar com ocorrências como as que mostramos aqui e procurar esclarecimentos com o professor. Desta maneira, as aulas de Língua Portuguesa, no que concerne às regras da vírgula, podem se tornar um desafio para o educador.

Portanto, é evidente a necessidade de uma pesquisa acerca do assunto em questão. Nosso primeiro passo consiste em uma consulta às gramáticas tradicionais.

1.1 Conceito de Pontuação

Cegalla (2008) salienta que os sinais de pontuação possuem três finalidades. A primeira delas é “assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação na leitura)” (2008, p. 428); a segunda finalidade é “separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas” (2008, p. 428); por fim, a terceira finalidade é desfazer qualquer ambiguidade que possa haver na leitura e comprometa o sentido da frase. Do ponto de vista sintático, porém, o autor não menciona nenhum critério para o emprego da pontuação.

Cegalla (2008) chama a atenção para o fato de que não há entre os escritores unanimidade quanto ao emprego dos sinais de pontuação e ainda admite ser impossível adotar normas rigorosas para tal uso. Detém-se, portanto, apenas a listar as regras de uso geral na atual língua escrita.

Em relação à vírgula, Cegalla (2008) propõe dezessete regras para o seu emprego. Entre essas regras, três constituem casos proibitivos do emprego dessa pontuação. Todavia, o gramático não diz nada acerca do uso da vírgula entre orações coordenadas aditivas ligadas pela conjunção *e*. Vejamos a seguir a lista das dezessete regras propostas por Cegalla (2008 p. 428-430):

A) Emprega-se a vírgula:

- 1) para separar palavras ou orações justapostas assindéticas [...]
- 2) para separar vocativos [...]
- 3) para separar apostos e certos predicativos [...]
- 4) para separar orações intercaladas e outras de caráter explicativo [...]
- 5) para separar certas expressões explicativas ou retificativas, como *isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes*, etc. [...]
- 6) para separar orações adjetivas explicativas [...]
- 7) (...) para separar orações adverbiais desenvolvidas [...]
- 8) para separar orações adverbiais reduzidas [...]

- 9) para separar adjuntos adverbiais [...]
- 10) para indicar a elipse de um termo [...]
- 11) para separar certas conjunções pospositivas [...]
- 12) para separar os elementos paralelos de um provérbio [...]
- 13) para separar termos que desejamos realçar [...]
- 14) para separar, nas datas, o nome do lugar [...]

B) Não se emprega vírgula:

- 15) entre o sujeito e o verbo da oração, quando juntos [...]
- 16) entre o verbo e seus complementos, quando juntos [...]
- 17) em geral, antes de oração adverbial consecutiva [...]

Constatamos nos exemplos acima que a utilização da vírgula obedece, na maioria dos casos, a critérios sintáticos, contrariando, assim, as finalidades gerais do emprego da pontuação apontadas pelo autor e já citadas aqui por nós.

Por sua vez, Bechara (2009, p. 514) define a vírgula como um sinal gráfico separador e subclassifica-a, entre os demais sinais de pontuação, como sinal de pausa inconclusa, ou seja, pausa que ocorre entre orações que estão ligadas entre si. Podemos constatar que essa definição da vírgula é precária, uma vez que não necessariamente há pausa onde há vírgula ou vírgula onde há pausa. De acordo com Luft (1991), pode ocorrer pausa entre o sujeito da oração e seus complementos, no entanto, nesse caso, não é cabível vírgula. Assim, “essa ligação entre pausa e vírgula deve ser a responsável pela maioria dos erros de pontuação. E penso que está mais do que na hora de desligar as duas coisas. No entanto, mesmo em gramáticas recentes, e de autores bem conceituados, persiste a ilusão”. (LUFT, 1991, p. 7).

Nota-se, portanto, que o critério da pausa para a definição das condições de uso de vírgula é insatisfatório no ensino de pontuação, tendo em vista que não podemos prever todas as pausas que empregamos na fala. Assim, essa proposição, dada a sua imprecisão, não é capaz de atender às dúvidas do aprendiz no que concerne ao uso de vírgula.

Vejamos ainda o que Bechara (2009, p. 609) nos diz particularmente sobre a vírgula antes da conjunção *e*: “[...] Emprega-se a vírgula [...] para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção *e*, proferidas com pausa”. Cabe perguntar aqui em que circunstâncias proferimos com pausa orações coordenadas ligadas por *e*. Na impossibilidade de responder a essa questão, podemos concluir que é insuficiente essa prescrição de uso. Além disso, conforme observamos na seção anterior, parece haver outros motivos para o emprego da vírgula antes de *e*, os quais não são contemplados pela *Moderna gramática portuguesa* de Evanildo Bechara.

Analisemos também a definição de vírgula da *Nova gramática do Português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2013, p. 658): “a vírgula marca uma pausa

de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um só período”. Assim como Bechara (2008) e Cegalla (2008), Cunha e Cintra (2008) compreendem a vírgula como um sinal indicador de pausa. Apenas em alguns casos a vírgula não representaria uma pausa na oralidade: “Há uns poucos casos em que o emprego da vírgula não corresponde a uma pausa real na fala; é o que se observa, por exemplo, em respostas rápidas do tipo: *Sim, senhor. Não, senhor*”. (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 664). Assim, esses estudiosos não avançam em relação aos demais gramáticos aqui contemplados na compreensão das condições gerais de emprego da vírgula.

Com respeito ao emprego desse sinal entre orações unidas pela conjunção *e*, Cunha e Cintra (2013) observam que há duas possibilidades: quando existirem dois sujeitos distintos em orações coordenadas; quando a conjunção *e* estiver repetida dentro de um período. Vejamos os respectivos exemplos:

7) “O sol já ia fraco, e a tarde era amena.” (GRAÇA ARANHA¹, 1969, p. 148, *apud* CUNHA; CINTRA, 2013, p. 661).

8) “Comigo, o mundo canta, e cisma, e chora, e reza, e sonha o que eu sonhar.” (TEIXEIRA DE PASCOAES², s.d, p. 27, *apud* CUNHA; CINTRA, 2013, p. 661).

No exemplo 7, temos duas orações coordenadas com a presença de dois sujeitos diferentes. No exemplo 8, temos a repetição da conjunção *e* dentro de um mesmo período.

Enquanto Bechara (2008) e Cunha e Cintra (2008) se preocupam em definir a vírgula e apresentarem exemplos e prescrições de uso, Cegalla (2008) se preocupa essencialmente em apontar as regras de utilização da vírgula, apresentando exemplos e possibilidades de uso. No entanto, não encontramos em sua gramática qualquer definição explícita quanto ao emprego da vírgula precedendo a conjunção *e*. Há, portanto, entre as três gramáticas uma similaridade no que diz respeito às repetidas e exaustivas possibilidades de emprego da vírgula. Podemos concluir que as gramáticas aqui analisadas não diferem de maneira relevante em relação aos propósitos da pontuação e, especificamente, às normas de utilização da vírgula.

¹ ARANHA, José Pereira da graça. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

² PASCOAES, Joaquim P. Teixeira de. *Obra Completa*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 7 v.

1.2 Problema de pesquisa

Como se pôde notar, embora se valha de várias regras de emprego da vírgula, a gramática tradicional (doravante GT) é insatisfatória, uma vez que não consegue dar conta do fenômeno da pontuação na língua escrita atual. Especialmente no tocante à virgulação antes da conjunção *e*, não há uma uniformidade ou consenso entre os autores das obras analisadas. Além disso, verificamos que os exemplos utilizados são, em sua grande maioria, excertos extraídos de obras de autores da literatura clássica. Consideramos que a língua é dinâmica e passível de mudanças e variações, portanto esses exemplos não correspondem necessariamente aos usos atuais da língua escrita. Diante desse fato, o docente e o seu aprendiz ficam inseguros em relação às decisões que devem tomar: a GT não é suficientemente esclarecedora quanto às regras que prescreve e, por isso, é passível de questionamentos advindos daqueles que a ela recorrem com o intuito de aprender acerca da norma-padrão da língua escrita.

Portanto, é de suma importância que o professor se apoie em outros materiais, mesmo que de caráter mais tradicional, a fim de torná-las mais efetivas e condizentes com as situações reais de uso da pontuação com as quais deparamos na atualidade. Luft (1991, p. 37), por exemplo, preocupado com um ensino da virgulação mais satisfatório, esclarece que a vírgula antes de *e* é obrigatória especificamente em um caso: “antes do *e* (e qualquer outra conjunção) toda vez que esta conjunção for precedida de uma estrutura intercalada”. Encontramos o tipo de intercalação a que se refere o gramático na seguinte frase:

9) “Ele desembarcaria em Brasília em 20 de julho, um sábado, e ficaria dois dias na capital antes de ir para a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro.” (DE OLHO NO VOTO CATÓLICO, 2013, p. 42)

A vírgula foi empregada no intuito de separar uma estrutura intercalada (“um sábado”), portanto, como afirma Luft (1991), seu uso é obrigatório. No entanto, nenhuma das obras que analisamos anteriormente deixa claro esse emprego da vírgula. Esse fato evidencia a precariedade com que os gramáticos geralmente tratam as regras de uso desse sinal de pontuação.

Analisemos agora outro recorte extraído de uma manchete de jornal:

10) “O museu traz perguntas, e não respostas.” (BUZATTI, 2015).

Nessa frase, a oração introduzida pela conjunção *e* tem valor adversativo, de modo que podemos entender a frase desta maneira: o museu traz perguntas, mas não (traz) respostas. Luft (1991, p. 48) afirma que a virgulação é necessária nesse caso, pois, associada à palavra *não*, a conjunção *e* forma uma locução adversativa. “As duas palavrinhas juntas – e somente juntas – significam ‘mas’”. Porém, não encontramos em nenhuma das obras aqui estudadas essa possibilidade de emprego da vírgula antes de *e*.

Como se pode ver, a gramática normativa não resolve o problema das condições que envolvem o emprego da vírgula entre orações coordenadas por meio da conjunção *e*, visto que não consideram esse contexto linguístico no estabelecimento de regras ou não atendem de maneira efetiva às dúvidas do leitor. Dessa forma, o professor e o aluno que se valerem única e exclusivamente da gramática tradicional como recurso de ensino-aprendizagem dessas condições terão dificuldade de compreender satisfatoriamente como ou quando utilizarem a vírgula.

Assim, verificamos a necessidade de realizar uma pesquisa empírica com o objetivo de conhecer as condições de emprego da vírgula entre as orações do português brasileiro coordenadas por meio da conjunção *e*. Essa pesquisa poderia fornecer ao professor subsídios teóricos para as aulas de Língua Portuguesa. Decidimos, em nossa investigação, examinar textos em que pudéssemos verificar os empregos reais dos usuários do português brasileiro. Selecionamos dois conjuntos de textos: um formado por contos de Machado de Assis e outro por artigos da revista *Veja*.

É preciso observarmos, contudo, que nosso trabalho não teve a intenção de apresentar resultados definitivos. Sabemos que tanto a revista *Veja* quanto os contos de Machado aqui analisados não são as únicas referências de escrita culta de suas respectivas épocas. Por meio desse *corpus* pretendemos ter uma noção de como se utilizava a pontuação nos textos, especialmente a vírgula com orações coordenadas pela conjunção *e*, nos séculos XIX e XX. É evidente, pois, que outras pesquisas far-se-ão necessárias, a fim de complementar esse estudo, uma vez que ele não abrange por completo todas as dúvidas e questionamentos relativos a esse assunto.

2 METODOLOGIA

As gramáticas tradicionais desde há muito tempo vêm tomando os textos da literatura clássica, sobretudo de autores considerados cânones do mundo literário, como formas exemplares de linguagem escrita. Trata-se de uma prática comum entre os gramáticos. Dessa maneira, pensamos ser pertinente a escolha de textos de Machado de Assis para fins desta pesquisa, já que o autor é uma grande referência na literatura brasileira. É notório o seu prestígio, confirmado pelo constante uso de trechos de suas obras nos exemplos das gramáticas normativas. Optamos por analisar quatro contos de sua autoria: “A cartomante”, “Entre santos” “Conto de Escola” e “A causa secreta”. As obras foram extraídas do livro original *Várias Histórias*, disponibilizado em acervo *online* pela Universidade de São Paulo (USP).

Além dos contos de Machados de Assis, escolhemos quatro artigos da revista *Veja*: dois artigos publicados em exemplares de 1988, disponíveis no acervo *online* da editora, e dois artigos mais recentes, de 2014, da revista impressa. Optamos por esse *corpus* pelo fato de a revista *Veja* constituir um periódico de grande circulação nacional, sendo consenso entre linguistas que os textos do grande jornalismo impresso tomaram o lugar da literatura como referência de emprego da norma culta.

Quanto ao fato de propormos o exame de dois conjuntos de textos pertencentes a épocas e a gêneros diferentes, é importante dizer que pretendemos realizar uma comparação. Acreditamos que os artigos da revista *Veja* que selecionamos devem nos indicar a tendência atual de uso da vírgula com orações coordenadas pela conjunção *e*. Os contos de Machado de Assis devem, por sua vez, nos indicar essa mesma tendência no que diz respeito ao século XIX. Comparando os resultados das duas análises, podemos verificar se a literatura do século XIX tomada como exemplar do “bom português” ainda pode ser, em alguma medida, tomada como tal atualmente. Desse modo, pomos em questão as normas fornecidas pela Gramática Tradicional, perguntando-nos se elas se fundamentam em nossos usos reais do português brasileiro.

Buscamos, nos textos de Machado e nos artigos da revista *Veja*, localizar e contabilizar as orações coordenadas pela conjunção *e*. Contabilizamos, então, aquelas que apresentavam vírgula antes da conjunção *e* e as que não apresentavam esse sinal de

pontuação. Vale, destacar, entretanto, alguns exemplos que nos parece relevante comentar, que foram omitidos, isto é, retirados de nossa análise. Vejamos a seguir:

11) “Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lagrimas.” (ASSIS, 1896, p. 18, grifamos).

12) “Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Villela indignado, pegando da penna e escrevendo o bilhete, certo de que elle acudiria, e esperando-o para matal-o.” (ASSIS, 1896, p. 19, grifamos).

13) “Logo depois rejeitava a idéa, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direcção do largo da Carioca, para entrar n'um tilbury.” (ASSIS, 1896, p.20, grifamos).

14) “A agitação delle era grande, extraordinária, e do fundo das camadas moraes emergiam alguns phantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas.” (ASSIS, 1896, p. 21, grifamos).

15) “Camillo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibylla, e levantou-se também.” (ASSIS, 1896, p. 25, grifamos).

16) “A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outr'ora, e nas que haviam de vir.” (ASSIS, 1896, p. 28, grifamos).

17) “Ao passar pela Gloria, Camillo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.” (ASSIS, 1896, p. 28, grifamos).

Em cada um dos períodos acima, extraídos do conto “A cartomante”, nota-se a presença de uma oração ou termo intercalado antecedendo a conjunção *e*. Neste caso, não sabemos ao certo se a vírgula se faz presente antes de *e* pelo fato de haver essa intercalação ou devido exclusivamente à presença da conjunção. Dessa forma, não contabilizamos essas ocorrências em nossa análise. Encontramos exemplos semelhantes no conto “Entre santos”:

18) “Puz a um canto a lanterna, com o meu lenço por cima, para que me não vissem de dentro, e approximei-me a espiar o que era.” (ASSIS, 1896, p. 32).

19) “Correram ainda alguns minutos. Na igreja a luz era a mesma, igual e geral, e de uma côr de leite que não tinha a luz das velas.” (ASSIS, 1896, p. 33).

20) “O mundo não vê que, além de caseira eminente, educada por elle, e sua confidente de mais de vinte annos, a mulher deste Salles é amada devéras pelo marido.” (ASSIS, 1896, p. 42).

Por razões estilísticas, é comum encontrarmos períodos longos em escritos de Machado de Assis, o que torna mais frequentes as intercalações, as quais nos impedem de determinar a efetiva razão do emprego da vírgula antes da conjunção *e*. Vejamos, para finalizar nossa discussão, casos similares em “Conto de escola”:

21) “Subi as escadas com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo.” (ASSIS, 1896, p. 234).

22) “Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano.” (ASSIS, 1896, p. 237).

23) “Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escripta, e voltar para o meu logar.” (ASSIS, 1896, p. 236).

24) “[...]elle foi adiante, apressado, e eu não queria brigarallí mesmo, na rua do Costa, perto do collegio.” (ASSIS, 1896, p. 249).

Nota-se que, em todos os casos acima, a vírgula se faz presente antes de *e*, mas há também em todas as ocorrências uma oração ou termo intercalado antecedendo a conjunção.

3 RESULTADO

Constatamos que nos quatros contos de Machado de Assis houve uma predominância da vírgula antecedendo a conjunção *e*. Contrariamente, nos artigos da revista *Veja*, constatamos uma prevalência de uso da vírgula nessa situação.

No conjunto dos contos de Machado de Assis analisados, encontramos um total de 163 períodos formados por orações coordenadas com a conjunção *e*. Desse total, 118 períodos, ou seja, 72,39% destes incluem vírgula antes da conjunção. Encontramos o maior percentual de vírgulas no conto “A cartomante” entre as 45 ocorrências de coordenadas com a conjunção aditiva *e*, a vírgula se faz presente em 38 delas, isto é, em 84,44% dos casos. O menor percentual de vírgulas situa-se no conto “Entre santos”, no qual, dos 36 períodos com coordenação realizada pela conjunção *e*, apenas 17 (47,22%) apresentam vírgula. Os textos “A causa secreta” e “Conto de escola” mostram-se muito próximos um do outro quanto ao uso desse sinal de pontuação: respectivamente, 76,60% e 77,14% das ocorrências de coordenação com a conjunção *e*. A tabela abaixo mostra os números:

Tabela 1 – Presença e ausência de vírgula em orações coordenadas por meio da conjunção *e* em textos de Machado de Assis

Conto	Sim		Não		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
A cartomante	38	84,44	7	15,56	45	100
Entre santos	17	47,22	19	52,78	36	100
A causa secreta	36	76,60	11	23,40	47	100
Conto de escola	27	77,14	8	22,86	35	100
TOTAL	118	72,39	45	27,61	163	100

Sabemos que Machado de Assis e outros autores que compõem o cânone literário brasileiro são considerados pelos gramáticos tradicionais referência em língua escrita “correta”. Inclusive, trechos de suas obras constantemente são citados por esses estudiosos com o intuito de se exibirem exemplos de emprego adequado da norma-padrão na escrita. Dessa maneira, temos a impressão de que esses autores são escritores que nunca fogem ao

padrão e que seus textos são minuciosamente redigidos de acordo com as prescrições dos manuais tradicionais. Todavia, a Tabela 1 mostra que isso não é sempre verdade, pelo menos com respeito a Machado de Assis. De fato, em nossa investigação deparamos com usos de vírgula nos textos desse escritor para os quais não encontramos respaldo nas gramáticas tradicionais.

A fim de tornarmos nossa reflexão mais clara, examinemos alguns períodos que integram nossos dados; em primeiro lugar um que está de acordo com os preceitos gramaticais no que diz respeito ao emprego da vírgula:

25) “Pois saiba que fui, e que ella adivinhou o motivo da consulta antes mesmo que eu lhe dissesse o que era.” (ASSIS, 1896, p. 9).

Percebemos nessa frase que a coordenação envolve a presença de dois sujeitos distintos. Na primeira oração o sujeito implícito “eu”; na segunda, o sujeito “ella”. Neste caso, a vírgula antes da conjunção *e* está empregada de acordo com o que preconizam as gramáticas tradicionais. Segundo Cunha e Cintra (2013, p. 661), “Separam-se geralmente por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, quando têm sujeito diferente [...]”. Evidentemente não temos o que questionar quanto a esse fato, porém, quando analisamos outros trechos de Machado em que a vírgula se faz presente antes de *e*, concluímos que a pontuação não tem relação direta com o que prescreve as GT. Vejamos:

26) “Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ella sério e fixo.” (ASSIS, 1896, p. 16)

Percebemos, na ocorrência acima, que não há uma exigência do ponto de vista gramatical para se empregar a vírgula antes de *e*. A presença desse sinal de pontuação está vinculada ao estilo de escrita de Machado de Assis ou a uma tendência de emprego característica do século XIX. Provavelmente, vamos encontrar com frequência o uso da vírgula nessas condições também em outros autores da mesma época. Fato é que não há nenhuma explicação nas gramáticas quanto à posição da vírgula na oração analisada. Deparamos mais uma vez com uma situação intrigante acerca do uso da vírgula antes da conjunção *e*. Atestamos que Machado de Assis a emprega frequentemente, ao contrário dos textos da revista *Veja*, que passamos a analisar, o uso dessa pontuação nas mesmas condições é menos recorrente.

Como já foi salientado anteriormente, escolhemos quatro artigos do periódico de maneira aleatória, cuidando apenas para que sua dimensão fosse equivalente à dos contos de Machado de Assis. Encontramos os seguintes números:

Tabela 2 – Presença e ausência de vírgula em orações coordenadas por meio da conjunção *e* em textos da revista *Veja*

Artigo	Sim		Não		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Fraude nos vestibulares.	2	10,00	18	90,00	20	100
O rosto do ensino superior.	3	20,00	12	80,00	15	100
O valor maior de Angelina.	3	18,75	13	81,25	16	100
Filhos? Não, Obrigada.	5	25,00	15	75,00	20	100
TOTAL	13	18,31	58	81,69	71	100

Começamos por analisar o artigo “Fraude nos vestibulares” (1988). Do total de 20 orações coordenadas por meio da conjunção *e*, encontramos apenas 2 ocorrências em que a vírgula era empregada antes da conjunção, isto é, a vírgula antes de *e* se fez presente em apenas 10% das orações. Em outras palavras, a ausência da vírgula antes da conjunção *e* abrange a maior parte dos casos, totalizando 90,00% deles. Analisemos a seguir as orações em que vírgula se faz presente:

27) “Sérgio chegou ao local às 06h10. ‘Já havia uns quatro ou cinco carros por lá, e senti que aquele pessoal esperava a mesma coisa que eu’, conta o estudante.” (TOLEDO, 1988, p. 22).

28) “‘O furo deve estar na gráfica’, diz ele, ‘porque também as provas viajam lacradas, e elas chegaram aqui intactas’” (TOLEDO, 1988, p. 26).

No exemplo 27, a presença da vírgula antes da conjunção se dá pelo fato de haver entre as orações uma mudança de sujeito. Em relação ao exemplo 28, cremos que o autor optou por fazer uso da vírgula antes de *e* pelo fato deste possuir um valor conclusivo, isto é, se trocássemos *e* por *de modo que* obteríamos o mesmo sentido.

Fato semelhante acontece com os demais exemplos dos outros artigos que iremos analisar. Analisemos os dados que encontramos em outro artigo da revista *Veja*, “O rosto do ensino superior” (1997). Contabilizamos um total de 14 ocorrências de orações coordenadas por meio da conjunção *e*. Entre elas, a vírgula está presente em apenas três:

31) “Para não comprar brigas com as faculdades, e evitar a constatação de que a educação universitária nacional é um desastre, o governo concedeu C a todas as escolas que acertaram [...]” (OINEGUE, 1997, p. 86).

32) “Na Universidade Mackenzie, de São Paulo, por exemplo, os estudantes de direito organizam palestras com professores de fora, e no começo do ano encomendaram uma pesquisa para avaliar o corpo docente.” (OINEGUE, 1997, p. 94).

No exemplo 31, é possível que a vírgula esteja presente antes da conjunção *e* por esta fazer parte de uma oração intercalada dentro do período. Por se tratar de uma informação de segundo plano, o autor, certamente, viu-se compelido a fazer uso da vírgula antes do *e*, pois esta tem o intuito de separar essa intercalação e deixar claro ao leitor que há uma informação secundária no período. Em relação ao exemplo 32, não há motivação do ponto de vista gramatical para o emprego da vírgula antes de *e*. Todavia entendemos que o autor se viu motivado a fazer uso da vírgula por haver no período uma mudança nos tempos verbais: “[...] os estudantes de direito **organizam** palestras com professores de fora, e no começo do ano **encomendaram** [...]” (OINEGUE, 1997, p. 94). Nota-se, portanto, que antes da conjunção *e* há um paralelismo verbal: enquanto que o primeiro verbo encontra-se no presente do modo indicativo, o segundo verbo, por sua vez, encontra-se no pretérito perfeito do modo indicativo. Dessa forma, entendemos que a vírgula se faz relevante para que haja entre as orações certa coerência e manter, assim, o paralelismo textual. Vejamos o outro exemplo:

33) “‘Tamanho de classe nada tem a ver com qualidade. A Universidade da Califórnia em Berkeley tem aulas com até 1 000 alunos, e não consta que seja uma escola ruim’, diz o professor Cláudio [...]” (OINEGUE, 1997, p. 92)

Notemos que o exemplo acima é equivalente a outro analisado anteriormente, ou seja, não há uma razão explícita de se usar a vírgula antes de *e*, pelo menos dentro das regras

estabelecidas nas gramáticas estudadas em nosso trabalho. Todavia, acreditamos que a vírgula se faz presente antes de *e* por este possuir valor adversativo. Dessa forma, se substituíssemos o *e* pelas conjunções *mas*, *porém*, *todavia* etc, certamente, obteríamos o mesmo sentido.

Quanto ao artigo “O valor maior de Angelina” (2013), contabilizamos um total de 17 orações coordenadas por meio da conjunção *e*. Desse total, a vírgula se fez presente em apenas três, isto é, em 23,52% dos casos. Em outras palavras, contabilizamos 13 ocorrências em que a vírgula estava ausente, ou seja, um total de 76,48%. Nota-se, portanto, que há menos casos de vírgula antes de *e*. Analisemos cada uma dessas ocorrências:

34) “‘Muitas vezes conversamos sobre a ‘mãe da mamãe’, e me vejo tentando explicar a doença que a tirou de nós’, lê-se no artigo assinado pela atriz.” (CUMINALE, 2013, p. 91)

35) “‘Comecei pelos seios porque o risco de câncer de mama é mais elevado do que o risco de câncer de ovário, e a cirurgia é mais complexa’, escreveu Angelina.” (CUMINALE, 2013, p. 94)

36) “As cirurgias estão menos agressivas, os medicamentos, mais precisos, e a radioterapia está mais segura.” (CUMINALE, 2013, p. 98)

O emprego da vírgula no exemplo (34) e (35) está de acordo com a regra da gramática de Cunha e Cintra (2013), já que se trata de um período composto por orações coordenadas ligadas pela conjunção *e* com sujeitos distintos: o primeiro sujeito, implícito, é o pronome “nós”, dado pela desinência do verbo “conversamos”. O segundo sujeito é “eu”, dado principalmente pela desinência verbal. O mesmo acontece com o exemplo (36): as orações coordenadas possuem sujeitos diferentes. O sujeito da primeira oração é “As cirurgias”, enquanto que o sujeito da segunda oração é “radioterapia”. Conforme já salientado, empregamos a vírgula antes de *e* para separar orações aditivas unidas por esta conjunção quando houver sujeitos distintos.

Por fim, analisemos o artigo “Filhos? Não, Obrigada.”. Das 20 ocorrências de orações coordenadas pela conjunção *e*, encontramos cinco períodos em que a vírgula estava presente e 15 situações de ausência da pontuação. Vejamos os dados abaixo:

38) “‘Acho que, para ter um filho no mundo de hoje, é preciso dar a ele as melhores oportunidades, e tive medo de não conseguir’, conta Ana Paula[...]” (JIMENEZ, 2013, p. 122).

39) “Na maioria das vezes, esse é um processo lento, gradativo, e os países têm tempo para se reorganizar, neutralizando os efeitos da transição demográfica.” (JIMENEZ, 2013, p. 122).

40) “É preciso tentar aumentar a empregabilidade dos jovens e a participação das mulheres no mercado de trabalho, e também elevar a idade para a aposentadoria.” (JIMENEZ, 2013, p. 122).

41) “Houve uma mudança de mentalidade, e não são as campanhas que vão alterar isso.” (JIMENEZ, 2013, p. 122).

42) “Os casais ambicionam carreiras bem-sucedidas, duas rendas, férias, e vão adiando o ciclo da vida: saída de casa, casamento, maternidade.” (JIMENEZ, 2013, p. 122).

No exemplo (38), deparamos com uma situação em que a vírgula antes da conjunção *e* se faz presente pelo fato de ter havido uma mudança de sujeito.

Em relação aos exemplos (39) e (40), o emprego das vírgulas está condizente com a gramática de Bechara (2008, p. 518), pois, de acordo com o autor, “emprega-se a vírgula para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção *e*, proferidas com pausa”. No exemplo (41), a vírgula também condiz com que foi explicitado logo acima, pois se trata de uma oração coordenada aditiva iniciada pela conjunção *e*. Dessa forma, tudo leva a crer que a vírgula se faz necessária por conta de uma pausa existente no período e que, se fosse ao discurso oral, identificaríamos mais facilmente. Além disso, podemos crer na possibilidade de que a conjunção *e* esteja com valor adversativo. Vejamos:

43) “Houve uma mudança de mentalidade, e não são as campanhas que vão alterar isso.” (JIMENEZ, 2013, p. 122).

Se trocarmos *e* por *mas*, obteremos o mesmo sentido, isto é, de adversidade. Desse modo, o critério utilizado para se usar a vírgula se deve ao fato de que, conforme atestamos

nas gramáticas, empregamos a vírgula antes das conjunções adversativas sempre que estas estiverem no começo da oração.

Em contrapartida, no exemplo (42), deparamos com duas orações de sujeitos idênticos e que ainda assim a vírgula antes da conjunção *e* se faz presente, contrariando, pois, o que prescrevem as GT. O mais comum, caso sigamos à risca o que é prescrito nesses manuais tradicionais, portanto, é que se empregue a pontuação em orações de sujeitos diferentes.

Essas constatações reforçam ainda mais a ideia de que a gramática tradicional não deve ser tomada como um manual único e eficaz de consulta do aprendiz. Vale analisar cada caso. Além disso, o professor de língua portuguesa, ao abordar os exercícios gramaticais, deve sempre priorizar o trabalho, em sala de aula, com exemplos concretos advindos de textos reais que circulam em nossa sociedade.

Por fim, como já foi salientado, Cunha e Cintra (2008) recomendam o emprego da vírgula antes da conjunção *e* em orações coordenadas aditivas quando há mudança de sujeito. Todavia, como veremos logo adiante no exemplo, deparamo-nos com uma ocorrência em que tal regra é violada pelo autor do artigo e, portanto, a pontuação é omitida do trecho. Vejamos:

44) “Mas há casos em que a população encolhe rápido demais e a economia sente o baque.”
(JIMENEZ, 2013, p. 122).

Temos na primeira oração do período um exemplo de uma oração principal: *Mas há casos [...]*. A segunda oração é uma subordinada adjetiva restritiva: [...] *que a população encolhe rápido demais*, pois funciona como adjetivo de “casos”. A última oração do período corresponde a uma oração coordenada sindética aditiva e também funciona como adjetivo de “casos”, ou seja, está diretamente atrelada à primeira oração do período. Dessa forma, embora haja dois sujeitos diferentes no mesmo período, a vírgula, certamente, não se faz presente antes da conjunção *e* pelo fato de haver uma relação intrínseca entre a oração principal e esses dois sujeitos das últimas orações. Sendo assim, o aluno, e até mesmo o professor, que se apoia única e exclusivamente nas gramáticas a fim de consolidar o seu aprendizado acerca do uso da vírgula poderá se deparar com um problema, caso siga exatamente o que é ditado por esses manuais tradicionais, haja vista que estes não esclarecem com exatidão os casos específicos nos quais se devem omitir a vírgula no período em que há sujeitos distintos.

4 CONCLUSÃO

Enquanto nos contos de Machado deparamos com maior quantidade de ocorrências envolvendo a vírgula antes da conjunção *e*, na revista *Veja*, ao contrário, encontramos bem menos situações em que a vírgula estivesse presente nessas condições. Em se tratando do autor Machado de Assis, percebemos que em algumas situações não havia motivação gramatical para o emprego da pontuação. Em contrapartida, em outras ocorrências que envolviam a pontuação, foi possível encontrar respaldo nas gramáticas tradicionais. Partimos do pressuposto que a motivação para o emprego recorrente da vírgula antes da conjunção *e* se deve primeiro, no caso dos textos de Machado, ao fator histórico. Vale destacar, portanto, que os textos de Machado foram escritos no século XIX e, de acordo com Rocha (1998), “a maneira de pontuar muda não só de uma época para outra, mas entre autores de uma mesma época.”.

Dessa forma, se há uma divergência quanto ao emprego da pontuação até mesmo entre autores de um mesmo período, temos, assim, que considerar outros aspectos que podem motivar o emprego da pontuação nos textos. Um deles é o estilo de escrita de cada autor, ou seja, características inerentes à maneira que cada escritor possui com o seu texto. Tais características manifestam-se como uma marca registrada que confere originalidade à escrita de cada autor. Seja por motivos históricos, seja por motivos estilísticos a preferência pelo uso da vírgula, que ultrapassa as situações previstas pela GT, mostram que o autor não pode ser tomado como referência. Como já salientamos, o escritor Machado de Assis bem como outros da literatura clássica são, de acordo com a GT, referências de escrita correta e exemplar. Porém, como já foi observado neste trabalho, há controvérsias em relação a isso, pois constatamos, em alguns casos, um emprego da vírgula, nos textos do escritor, incoerente com o que é preconizado por esses manuais tradicionais.

A preferência pelo não uso da vírgula verificada em artigos da revista *Veja* fornece-nos um parâmetro importante de pontuação, que deve ser considerado em sala de aula. Todavia essa preferência não implica uma regra categórica. A questão é identificar em que circunstâncias a vírgula pode ou deve ser empregada. Nossa investigação detectou sete circunstâncias. Destas, duas encontram-se previstas nas obras examinadas, as demais não. Convém ressaltar que nem mesmo o gramático Luft (1998) em seu manual *A vírgula*, especialmente dedicado a atender às dúvidas acerca do uso da virgulação, não nos apresenta

resposta para todos os dados analisados em nossa pesquisa. Assim, o autor se atém a explicitar que a vírgula antes do *e* terá sua obrigatoriedade somente em casos em que houver uma intercalação entre as orações. É evidente que nessas situações a vírgula antes da conjunção *e* se fará presente, pois a sua função ou utilidade é exatamente para isolar esses encaixes, como se vê no exemplo abaixo:

45) “Com a anulação das provas, desmoralizou-se a Cesgranrio, por cujos serviços os vestibulandos haviam pago uma taxa de inscrição de 600 cruzados, e embaralhou-se a vida dos 57 777 candidatos [...]” (TOLEDO, 1988, p. 26).

Todavia, é importante destacar que essas ocorrências foram eliminadas de nossas análises, uma vez que acreditamos que a função da vírgula, neste caso, é tão-somente para isolar o elemento explicativo, podendo este ter sido isolado, inclusive, por travessão ou parênteses. Constatamos, pois, uma lacuna, ou seja, não se vê uma explicação contundente, em relação aos demais casos vistos em nossos dados. Isso mostra que as regras apresentadas pela GT são insuficientes para atender às dúvidas dos aprendizes e deixa, então, uma lacuna a ser preenchida em relação às suas regras. Entretanto nossa pesquisa não é conclusiva. Permanecem os problemas de saber se há outras circunstâncias, de unificar essas condições e de determinar o seu caráter opcional. Quanto à unificação das circunstâncias, existe a possibilidade de situá-las no texto.

Conforme Mourão e Fechus (2016), existe outra motivação além daquelas tradicionalmente atribuídas pelas gramáticas tradicionais para se empregar a pontuação nos textos, ou seja, significa dizer que é preciso analisar o texto como um todo e não apenas parte dele, como se vê, inclusive, nas gramáticas tradicionais, quando estas apresentam em seus manuais textos literários fragmentados. Para entendermos as condições que induzem o autor de um determinado texto a empregar ou omitir a pontuação, temos que levar em conta as condições de sua produção. Assim, observemos o que diz a autora Irlandé Antunes: “É no âmbito do texto que se mostra, de fato, o que acontece no exercício da linguagem. O mais óbvio é que ninguém fala ou escreve – nada! – que não seja sob a forma de textos [...] somente em um texto, texto real, é possível perceber as razões dessas opções.” (ANTUNES, 2014, p. 85).

Significa dizer que a análise do texto fragmentado é improdutiva quando se quer entender o porquê do emprego desta ou daquela pontuação. Temos que levar em conta o

propósito comunicativo do autor, a intencionalidade, entre outras pistas voltadas às necessidades decorrentes das condições da produção textuais. Uchôa (2010, p. 124) comenta que “a pontuação [...] não é propícia a normas obrigatórias, mas, por princípio, a normas adequadas a ocorrências discursivas concretas.”. Entretanto, os limites de nosso trabalho não permitem verificar se há motivações textuais para o uso da vírgula, as quais poderiam abranger as circunstâncias gramaticais e semânticas que elencamos aqui. Essas motivações constituem matéria para futuras investigações.

Em meio a essas considerações, defendemos que o ensino da pontuação deve ser pautado a partir das observações feitas em textos diversos. Enfim, considerar os diversos aspectos motivadores do uso da vírgula nos textos, a intencionalidade do autor, a data da feitura do texto, o gênero. Sabemos que as GTs e, até mesmo muitos manuais de gramática que se julgam atuais em relação ao ensino, não dão conta de explicar todos os fenômenos concernentes ao emprego da pontuação, especialmente a vírgula, que é frequentemente apontada como uma das pontuações mais difíceis de aprender. Uchôa (2010, p. 127) defende que o “ensino da pontuação tem de sofrer mudanças, ficar menos preso à normatização, e direcionar-se aos seus usos e significações em ocorrências textuais diversificadas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna: 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Lindley Cintra. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. São Paulo: Ática, 1991.

REFERÊNCIAS DE CORPUS

ANNUNCIATO, Pedro. Como trabalhar com alunos difíceis. *Revista Nova Escola*, ano 31, n 294, ago. 2016.

ASSIS, Machado de. A cartomante. In: *Várias histórias*. 1986. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00214100#page/12/mode/1up>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

_____. Entre santos. In: *Várias histórias*. 1986. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00214100#page/12/mode/1up>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

_____. A causa secreta. In: *Várias histórias*. 1986. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00214100#page/12/mode/1up>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

_____. Conto de escola. In: *Várias histórias*. 1986. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00214100#page/12/mode/1up>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

BEGUOCI, Leandro. Educação inclusiva é pleonasma. *Revista Nova Escola*, ano 31, n 294, ago. 2016.

BOMBEIROS RETOMAM BUSCAS E PREFEITOS FAZEM REUNIÃO HOJE EM MARIANA. *MSNotícias*. 23 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.msnoticias.com.br/editorias/noticias-brasil-mundo/bombeiros-retomam-buscas-e-prefeitos-fazem-reuniao-hoje-em-mariana/63846/>>. Acesso em:

BUZATTI, Lucas. O museu traz perguntas, e não respostas. *O Tempo*. Belo Horizonte, 18 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/diversão/magazine/o-museu-traz-perguntas-e-não-respostas-1.1195061>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

CUMINALE, Natalia. O valor maior de Angelina. *Veja*, ed 2322, ano 46, n. 21, Editora Abril, 22 de mai. 2013.

DE OLHO NO VOTO CATÓLICO. *Veja*, ano 46, ed 2321, n. 20, Editora Abril, 15 de mai. 2013

JIMENEZ, Gabriele. Filhos? Não, obrigada. *Veja*, ano 46, ed 2323, n. 22, Editora Abril, 29 de mai. 2013.

OINEGUE, Eduardo. *Veja*, ed. 1493, ano 30, n. 17, Editora Abril, 30 abr. 1997. Disponível em: < <https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/33041?page=86§ion=1> > Acesso em: 12 de dez. 2015.

ROSA, Rodrigo; JAF, Ivan. *O cortiço*. Adaptação de *O cortiço* de Aluísio Azevedo. 1. ed. São Paulo: ática, 2010.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Fraude nos vestibulares. *Veja*, ano 20, n. 3, Editora Abril, 20 de jan. 1988. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/33535?page=1§ion=1>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

WATERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*: E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad editora do Brasil, 2010.